

LAURO ANTÓNIO  
1942-2022



AMÉRICA, ANOS 70  
Masterclass de História do Cinema 2025

AUDITÓRIO MUNICIPAL MAESTRO CÉSAR BATALHA

CÉSAR Batalha

Sessão 49 | 9-dezembro-2025 | A ÚLTIMA LOUCURA DE MEL BROOKS (1976)



Hollywood sempre gostou de rir de si própria. Mas raras vezes o fez com tanta lucidez, afeto e desatino como em A Última Loucura de Mel Brooks. O filme nasce de um paradoxo: no auge da era do som e da imagem saturada, Brooks decide realizar uma comédia muda, um regresso impossível às origens, que se transforma numa das mais inteligentes sátiras ao próprio cinema. O gesto é, em si mesmo, uma provocação: usar o silêncio para falar sobre o ruído ensurdecedor da modernidade.

Brooks interpreta Mel Funn, um realizador em declínio que tenta convencer um estúdio falido a produzir o seu novo projeto: um filme mudo. Com a ajuda dos inseparáveis Dom Bell (Dom DeLuise) e Marty Eggs (Marty Feldman), Funn percorre Hollywood à procura de estrelas dispostas a participar na sua aventura anacrónica. Paul Newman, Liza Minnelli, Burt Reynolds, James Caan, Anne Bancroft (mulher de Brooks) e outros nomes célebres aceitam o convite e parodiam-se a si próprios com um prazer raro, num desfile de autoconsciência que é também um retrato divertido da vaidade da indústria.

O filme inteiro é mudo, pontuado apenas por música e intertítulos à moda antiga. O único som audível surge num momento antológico: quando Marcel Marceau, o mais célebre mímico do mundo, é a única personagem a pronunciar uma palavra “Non!”. A ironia é perfeita. A piada, simples, resume o espírito de Brooks: humor que nasce do absurdo lógico, da inteligência levada ao limite da parvoíce.

Sob a aparência de farsa, A Última Loucura de Mel Brooks é uma homenagem profunda ao cinema mudo e ao mesmo tempo um comentário melancólico sobre a sua perda. O realizador recupera os gestos, o ritmo e a poesia visual de Chaplin, Keaton ou Harold Lloyd, mas filtra-os pela consciência pós-moderna dos anos 70, quando o cinema americano se tornava mais cínico, autocentrado e desencantado. Brooks não pretende restaurar o passado: quer antes demonstrar o seu valor como linguagem, lembrando que a comédia, antes de ser falada, era visual, física, essencial.

A sátira estende-se à própria Hollywood. Os executivos dos estúdios são caricaturas gananciosas, incapazes de perceber o idealismo de Funn. Brooks ri-se da máquina que transforma sonhos em mercadoria e que, na década de 70, começava a perder o contacto com a sua própria história. Nesse sentido, A Última Loucura é um filme sobre resistência, o riso como forma de sobrevivência, o gesto como ato de fé.

Formalmente, Brooks surpreende pela precisão da encenação. A fotografia colorida de Paul Lohmann devolve ao filme o brilho plástico dos musicais e das comédias dos anos 50, enquanto a partitura de John Morris substitui com elegância o diálogo, desenhandando ritmo e emoção. A realização é coreográfica: cada queda, cada perseguição, cada olhar é orquestrado com o rigor dos grandes mestres do cinema físico. O resultado é um espetáculo ao mesmo tempo retro e contemporâneo, como se o passado tivesse regressado para provar que nunca partiu.

O trio Brooks–Feldman–DeLuise forma um núcleo cômico irresistível. Feldman, com o olhar tresloucado e o corpo desarticulado, parece saído diretamente de um filme de Keaton; DeLuise, redondo e inocente, é a alma terna da loucura; Brooks mantém o equilíbrio entre o caos e o controlo, conduzindo a narrativa com um misto de ironia e carinho. Há no seu humor algo de generoso: ele ri-se de tudo, mas nunca de forma cruel. O riso é libertação, não condenação.

O filme, contudo, não se limita à paródia. Por baixo da farsa, há uma melancolia discreta, a sensação de que o cinema perdeu algo essencial quando deixou de ser inocente. O silêncio, aqui, não é ausência: é memória. Brooks recorda-nos que o poder da imagem está em falar sem precisar de palavras. E quando o público ri, ri também da própria nostalgia, da vontade de voltar a um tempo em que o cinema podia ser puro divertimento e invenção.

No final, *A Última Loucura de Mel Brooks* é, paradoxalmente, um dos filmes mais faladores do seu autor, porque diz tudo sem dizer nada. É um ensaio sobre o riso, uma reflexão sobre a arte de fazer rir, e uma carta de amor a uma forma de cinema que continua viva precisamente porque a julgámos morta. Brooks, com o seu génio desordenado e profundamente humano, lembra-nos que o cinema, mesmo quando emudece, continua a falar e que, no meio do barulho do mundo, o silêncio ainda pode ser a mais sonora das loucuras.

*Lauro António*

**A ÚLTIMA LOUCURA DE MEL BROOKS | Título original: Silent Movie | Realização: Mel Brooks (EUA, 1976)**

**Argumento:** Mel Brooks, Barry Levinson, Rudy De Luca; **Produção:** Mel Brooks; **Música:** John Morris; **Fotografia (cor):** Paul Lohmann; **Montagem:** John C. Howard, Danford B. Greene; **Direção artística:** Peter Wooley; **Guarda-roupa:** Esther Geddes; **Som:** Richard Portman, Jack Solomon; **Direção de produção:** Mel Marshall; **Companhia de produção:** Crossbow Productions / 20th Century Fox; **Distribuição original:** 20th Century Fox; **Com:** Mel Brooks (Mel Funn), Dom DeLuise (Dom Bell), Marty Feldman (Marty Eggs), Paul Newman (ele próprio), Burt Reynolds (ele próprio), Liza Minnelli (ela própria), James Caan (ele próprio), Anne Bancroft (ela própria), Marcel Marceau (ele próprio), Sid Caesar (ele próprio), Marty Feldman, Madeline Kahn (participação especial), Cloris Leachman, Howard Morris, entre outros, **Duração:** 90 minutos, **Classificação etária:** M/12 anos, **Data de estreia em Portugal:** 1977 (estreia mundial: 7 de dezembro de 1976, EUA).